



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**ALMA de MARINHEIRO**Por **ANTÓNIO FEIO**
MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO

O Rui vivia pesaroso. Na sua almazinha sem mácula, formavam-se, por vezes, pressentimentos sombrios que lhe toldavam os olhos de tristeza.

Não invejava a sorte de ninguém; não cobiçava fortunas alheias; nem, tampouco, queria mal a alguém.

Quando, pela tardinha, subia ao cimo das rochas que pejavam a Nazaré, o Rui ficava embevecido, olhando o mar, que ora se mostrava revólto na sua fúria de gigante, ora se espraiava pelas areias de ouro no seu marulhar sereno que lembra segredos de fadas loiras.

Era tão lindo o mar da Nazaré!

Rui, às vezes, zangava-se com o Oceano. Fôra êsse Oceano, tão belo e tão traidor, que lhe roubara o paizinho querido.

Ainda se recordava daquela noite pavorosa, em que o mar travara peleja bravia com o céu. E em que Deus, para lhe castigar a soberbia, lhe arremessara fitas de fogo que iluminavam o espaço em serpenteios infernais, indo feri-lo nas suas ondas altaneiras.

O paizinho — (recordava-se muito bem!) — saíra cedo para a pesca da sardinha. Ia alegre, como sempre o conhecera. Cachimbo ao canto da boca, camisa aos quadrados brancos e pretos e calças meio arregaçadas. Na cabeça, levava um barrete negro com borla caída. Meteu-se no

Marília — o barco mais lindo da Nazaré — com mais cinco companheiros. E lá foram em busca do sustento para a família, levando um sorriso estóico nos lábios e a esperança alvoroçada no coração.

Nunca mais voltaram!

O mar zangou-se muito nessa tarde!

Todos vieram para a praia, ululando rogos e preces. E pelo areal imenso viam-se homens e mulheres, confundidos na mesma, dôr, irmanados por igual mágca, ajoelhados e de olhos postos nos céus, que rezavam num murmúrio belo e triste:

— «Avè-Maria, cheia de graça...»

Mas o *Marília* não voltou!

O Rui, quando recordava esta passagem dolorosíssima da sua vida ainda pequenina, sentia aversão pelo mar.

Logo se arrependia. O mar era seu amigo. É certo que, se se encolerizava, espalhava luto e lágrimas nos pescadores! Depois tudo passava. De novo vinha a bonança. E a alegria voltava. As ondas sussurravam canções estranhas, entoavam baladas de outras terras, e, no seu marulhar meigo, pediam perdão das desgraças que faziam. E todos lhes perdoavam.

Sim, êle havia de ir ao mar!

Hom'essa! Tinha 10 anos, estava um homem feito! Aquilo era teimosia da mãe em chamar-lhe criança e não o deixar ir à pesca. Receava que êle lá ficasse, como o paizinho. Ah! mas o mar era seu amigo. Nunca lhe faria mal...

E naquela noite, o Rui, ao chegar à barraca, levava uma ideia firme:

No dia seguinte iria ao mar!

A mãe mais uma vez se zangou. Que não tivesse tal propósito; já lhe bastava lá ter ficado o marido, para a pungir a saúde.



— «Não, meu amor! Não penses nisso. E vou contar-te uma coisa que te vai encher de alegria.»

— «O que é, mãe?» — inquiriu Rui, já entusiasmado ao calcular uma novidade prazenteira.

— «Na quinta-feira, vais para Leiria, para a fábrica do senhor Fonseca! Hoje, quando lá fui vender o peixe, a senhora disse-me que te tinha arranjado emprêgo. Não é, assim, melhor, meu filho?»

O Rui não retorquia. Cabisbaixo, olhos marejados de lágrimas, não atinava com resposta a dar. Adorava a sua mãzinha para a fazer sofrer. Mas a vida da cidade...

— «Então, estás contente, Rui? Vais ser operário! Poderás vir a ganhar vinte escudos ao dia. Responde, meu filho.»

O gaiato ergueu o rosto. As lágrimas rolavam-lhe pelas faces morenas, indo-se perder no colo da mãe.

— «Não; não, minha mãe! Eu adoro o mar, só para ele quero viver!»

A noite ia alta. O marulhar das vagas bulia na solidão. Rui ainda não pregara olho. A ideia de ir para a fábrica do senhor Fonseca, convertia-se num pesadelo atroz.

E o mar? Nunca mais poderia ver o seu amigo!... E só poderia abraçar a mãzinha nos dias da camioneta do peixe!

Ele, que jámais se separara dela. Querida mãe!...

Não, não podia ser. Ele havia de ir ao mar!

A mãe dormia, talvez sonhando com a felicidade do filho querido.

Então, o Rui ergueu-se em silêncio. Sem o mínimo ruído, enfiou a sua camisa de flanela, vestiu as suas calcitas arreçaçadas e amarrou a cinta preta.

E, sem proferir palavra, esgueirou-se pela porta.

Vinha raiando a aurora. Já o luar empalidecia, certamente amedrontado com a ousadia do garoto. E até as es-trêlas tremiam de medo pela sorte do Rui.

Lá estava o *Santa Maria*. Como era belo, no seu recorte em meia lua...

Rui, encostado à proa do barco, espriava a vista pela imensidão do mar. O gigante dormia. Só as ondas pequeninas e inquietas lhe davam vida. A alma de Rui sentiu-se, nesse instante, deprimida ante aquela majestade soberana. E tremeu. E chorou.

Se a mãe insistisse em levá-lo para Leiria!

Vozes de pescadores despertaram-no.

Lesto como uma corça, galgou para dentro da barca e escondeu-se sob os oleados. Ninguém o viu.

E o *Santa Maria*, entre cantos e gritos de entusiasmo, foi ao mar, levando consigo o pequeno Rui.

la grande a tormenta. O vento assobiava em fúria louca e as nuvens corriam no espaço, negras e sinistras, acastelando-se ao sul.



As vagas cresciam e, sujas de areia, revoltas de espuma, desfaziam-se, com fragor, nas rochas da Nazaré.

O cenário era o mesmo de sempre. Mulheres, vestindo negro, vivendo num luto eterno, rezavam a chorar. Homens, de testa enrugada, procuravam descobrir no horizonte, carregado de neblina, a sombra do *Santa Maria*. Por vezes, uma fita de fogo zigzagueava no céu, e o ribombar do trovão impunha um respeito cruel naquele quadro triste do mar.

Uma mulher estava caída por terra a chorar. As outras tentavam consolá-la com a sua própria desgraça.

— Não chores, Luisa! Deus há-de protegê-lo. Lembra-te que também lá está o meu homem. O Rui foi com eles. Aquilo era fígada que o garoto trazia.

O temporal recrudescera. As mulheres rezam mais. Os homens mostram um ar mais grave e crescem-lhes as rugas na fronte.

O trovão ruge com fragor que amedronta. Os relâmpagos iluminam o espaço em clarões eléctricos que apavoram.

— «Eh, rapazes! Lá vem ele!» gritou uma voz.

E aquele grito solto, assim, intempestivamente, foi uma sineta de rebate naqueles corações desolados.

Todos temem o engano. As mulheres mais rezam, mas os homens já tem esperança.

Sim, é o *Santa Maria* que corta as ondas bravias.

Está a 100, a 50 metros. Já tudo se enxerga. Vêm todos. Nem um falta.

Os homens agora também choram. E a mulher de há pouco, ajoelha, e reza à Senhora dos Mareantes.

O *Santa Maria* voltou!

— Eu não te dizia, mãe? O mar é meu amigo, não me faz mal.

Bastos anos são passados.

Na coberta do maior navio de guerra português, a tripulação está formada em sentido. Rostos adustos, peitos fortes, cabeças erguidas, olhos fitando o mar. Oficiais e marinheiros homenageiam um camarada e superior.

A ordem do dia é mais uma glória para a marinha de guerra.

O tenente Rui de Sousa é galardoado com a medalha de bons serviços e comportamento modelar. O acto é singelo e vibrante. Dura escassos minutos. Todos destroçam. A cerimónia findou.

Rui de Sousa, encostado à amurada do seu barco, pensa um pouco no seu passado longínquo. Relembra a mãzinha querida que Deus levou para junto de si. Recorda o seu paizinho, valente homem do mar, que no mar morreu, buscando o seu sustento.

Lágrimas, assomam-lhe aos olhos, francos e tristes de saudade.

Mas um marinheiro não chora!

E a caminho de Portugal, o tenente Rui de Sousa anseia por ir a Leiria abraçar o seu protector, o senhor Fonseca, a quem deve toda a sua felicidade, a construção do seu sonho belo: — ser marinheiro!

ALMAS DE CRIANÇAS

◆ ◆ POR MILAU ◆ ◆

ERA prêto o pequenino ;
e quizera o seu destino
que estivesse por criado
em casa dêsse senhor
que tinha um filho, um amôr...
mas muito mal educado !

Quando êle se enfurecia,
tôda a gente lhe fugia,
pois batia em quem calhava.
Tolices, eram a rôdos !
Mostrava a língueta a todos;
nem os seus pais respeitava.

E o pobre prêto, coitado,
sofria-lhe, resignado,
tanta, tanta judiaria...



A avôzinha do menino
é que animava o pretinho
dando-lhe alguma alegria.

Uma vez, endiabrado,
o pequeno mal-criado
pôs-se a trocar do pretinho;
chamou-lhe «pó de carvão»,
bateu-lhe, atirou-o ao chão,
fez chorar o pòbrezínho.

Então, a avô do menino,
chamou-o, mais ao pretinho,
e falou-lhes, docemente:
— Amôr, meu querido nêtinho,
êste pobre pequenino,
como tu, também é gente.

Sofre tanto, como nós;
e quando ouve a tua voz
que tanto o insulta e escarnece,
a pobre criança chora;
seu coração, como agora,
faz-se pequeno, entristece.

O meu neto pequenino
é bonito, e tão branquinho !
Mas tem alma enegrecida;

e êste negro, coitadinho,
é sempre bom, tão bomzinho...
— Alma branca tôda a vida! —

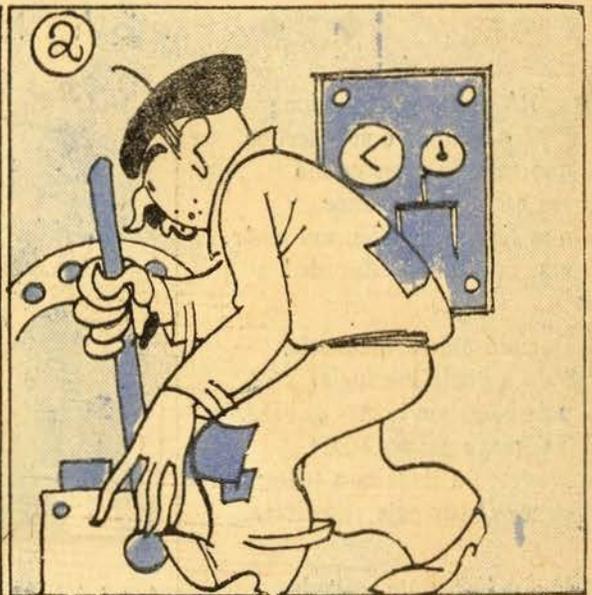
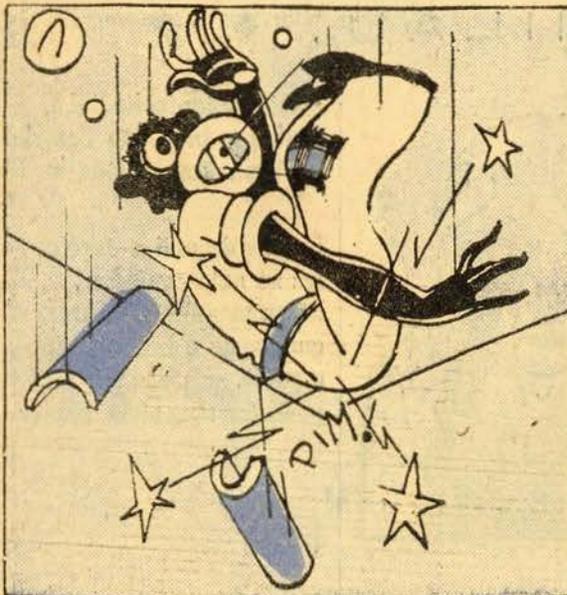
Depois de muito explicar,
fez ao neto confessar,
duma maneira bem franca,
que, como o branco, afinal,
o prêto, sem dar por tal,
pode ter uma alma branca.

F
I
M



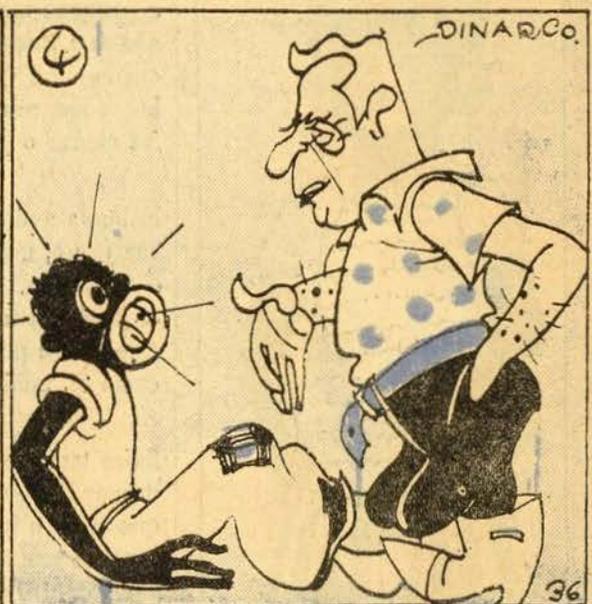
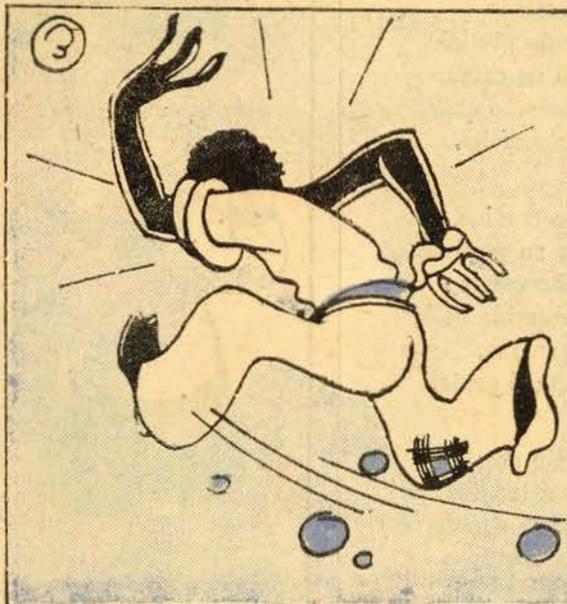
PRETO KATULA

Por CESAR AMANDIO MADEIRA — (Dinarco) —



UM dia, preto Katúla,
ao serviço do meu tio,
ao telhado teve que ir
e, lá, caiu sôbre um fio.

Recebeu terrível choque;
e, mudo, a morte esperou.
Mas alguém, da Geradora,
a corrente desligou.



Êle, então, pôde falar:
— «Ai, Katúla morre! Eu morre!»
e, desatando a gritar,
por ali abaixo corre.

No chão, se estira ao comprido,
com os olhos revirados.
Os outros olham p'ra êle
cada vez mais espantados.

— «Pois o fio está em cima
e tu gritas como um louco!»
— lhe diz meu tio. — «Fio é doido!
O Katúla morreu pouco!»

O S. João da Princesa

Por MARIA LUISA NEVES CONCEIÇÃO

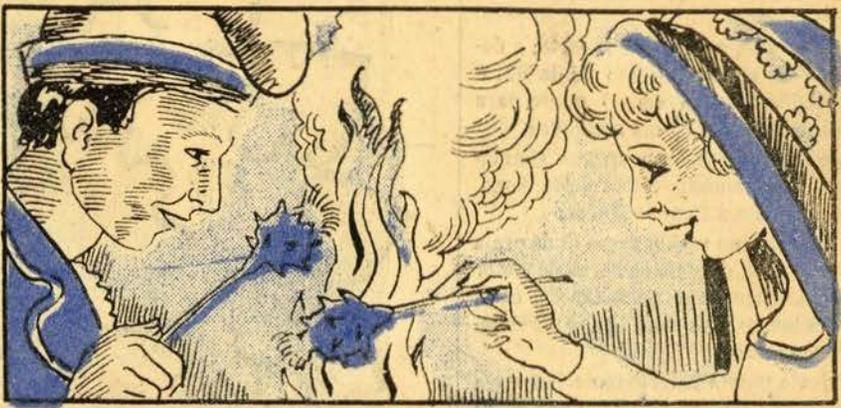
MENSÃO HONROSA DO CONCURSO

A princezinha Mirandolinda estava aborrecida. Sempre lhe tinham feito tudo o que lhe apetecia, sempre tinham acautado os seus caprichos, e então, agora, que tinha desonove anos e que, para mais, lhe haviam participado que em breve lhe seria apresentado o príncipe que o rei, seu pai, lhe escolhera para marido, é que lhe recusavam, sistematicamente, a única coisa que ambicionava: — sair, um dia, sem a comitiva que sempre a acompanhava?! Era demais! Sua Alteza Real não estava habituada a tais resistências! Haviã de saber do que era capaz... ou antes, não saberiam nada, para castigo. Não a deixavam sair só de dia? Pois bem: sairia de noite! Vinha até a propósito, daí a dois dias, festejava-se o S. João...

Mas... se fôsse com os seus lindos trajes, depressa a reconheceriam, e adeus passeio! Precisava de arranjar um fato menos vistoso... Oh, como se não lembrara ainda da sua velha ama?! Ela lhe procuraria o que precisava, e seria um segredo bem guardado.

Como a princesa conseguiu convencer a ama ajudá-la naquela escapada, não sei; mas o que é certo é que, na noite de S. João, por uma porta falsa, do Palácio do Campo de Suas Majestades, saía a mais linda e modesta aldeã que se possa imaginar...

O clarão das fogueiras guiou-a e, minutos depois, estava na praça da vizinha aldeia onde dezenas de raparigas e rapazes riam e brincavam despreocupadamente. A princezinha estava seriamente atrapalhada, a pensar como se devia comportar naquele meio, quando um belo rapaz se chegou a ela e, sem cerimónia, convidou-a:



— «Queres vir dançar?»
Mirandolinda achou-o indelicado, mas reflectiu que deviam ser naturais entre o povo aquelas liberdades. E respondeu no mesmo tom:

- «Vamos a isso!»
- Dansaram, saltaram fogueiras rescentes a alecrim e rosmaninho, voltaram a dançar, e a hora chegou da queima das alcachofras.
- «Como te chamas?»
- «Rosa. E tu?»
- «Renato. Por ti a queimo, Rosinha!»
- «Por ti, Renato!»

E já a noite ia adiantada, quando a princezinha logrou deixar o seu par sem ser pressentida e, correndo a bom correr, voltou para o Palácio, onde entrou sem dificuldade.

De manhã, ao levantar-se, riu, riu, riu, com a recordação dos factos da véspera, mas ao deparar com a alcachofra re florida, prova de amizade certa, comoveu-se, e, sem saber porquê, começou a chorar.

A hora da recepção ao Príncipe Arpad, herdeiro do trôno da Malésia, chegou.

Muito aborrecida, ah! tão aborrecida! teve de fazer grande toilette para participar na cerimónia, recebendo, ao lado da Rainha, sua mãe, mil cumprimentos e homenagens e ver moverem-se, na sua frente, sombras escuras, que os seus olhos, teimosamente embaciados, não deixavam distinguir. E assim viu, vagamente, alguém curvar-se na sua frente e uma voz pronunciar:

— «Sua Alteza Real, o Príncipe da Malésia!»

A princesa fez um esforço e, sentindo a necessidade de dizer alguma coisa, lá conseguiu desanuviar os olhos.

Mas... — ó espanto! — na figura elegantíssima que a desfrontava, reconheceu o despenhado companheiro da véspera, e nos olhos desmedidamente abertos pela surpresa com que o príncipe a olhava, viu que também fôra reconhecida.

O hábito da etiqueta salvou-os de embaraços; trocaram frases banais, e só quando abriu o baile, ao dançar com o príncipe Arpad, é que a princezinha se convenceu de que não sonhava, ao ouvi-lo dizer:

- «Então... a linda Rosa...»
- «Oh! Alteza, que juízo faz de mim?!»
- «Perdão! Eu é que lhe pre- unto: não a escandalizei?»

Estavam em frente do vão profundo de uma janela; desviando-se para aí e entreabrindo as rendas do seu decote, Miran-



dolinda deixou ver a alcachofra azul... ao passo que o príncipe abria o seu gibão de veludo e mostrava a flôr simbólica que lhe coubera...

Nunca ninguém soube explicar como o príncipe Arpad e a princesa Mirandolinda tão depressa se entenderam que, um mês depois, estavam casados.

E nunca ninguém percebeu porque razão os jóvens esposos ordenaram que, daquele dia em diante, o distintivo da Casa Reinante da Malésia, passasse a ser duas alcachofras floridas!

O CESTINHO DA COSTURA

Minha querida Fernanda

Sobre um bocadinho de linho pas-
sas o risco dêste «napperon» que vais
executar todo em branco e da se-
guinte forma:

As folhas, a ponto de recorte; o de-
senho do meio em ponto pé de flôr e
as bolinhas com um só ponto para
cada risco, isto é, uns alinhaves.

Estas bolinhas são apenas simula-
das, porque assim feitas dêste modo,
não chegam a ficar fechadas.

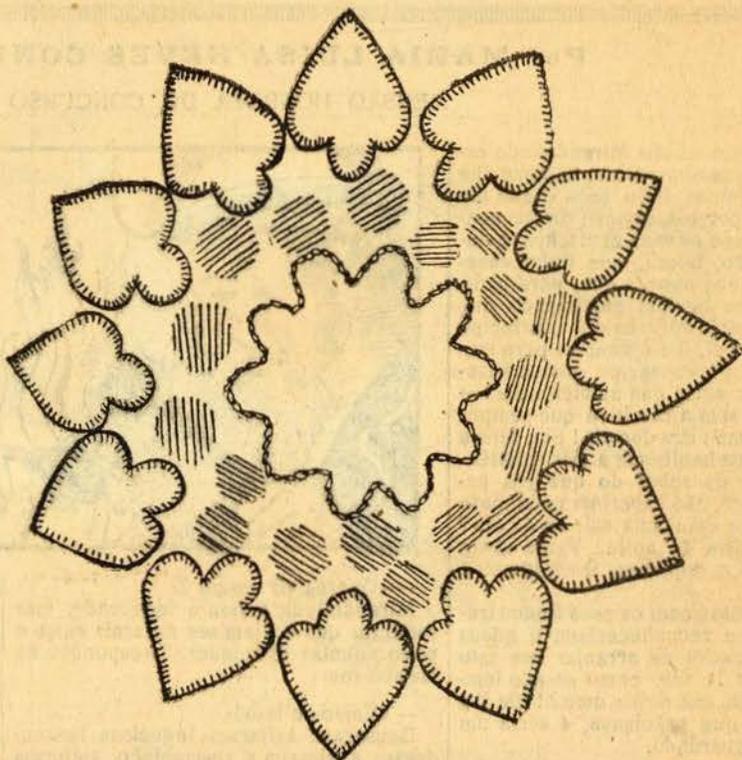
E agora, no verão, nessa linda praia
da Ericeira, durante as horas de maior
calor, certamente passadas em casa,
terás tempo para mais do que um «nap-
perons» dêsses.

Seria muito interessante fazer um
jôgo, e oferecer à Mãizinha que muito
apreciará o teu presente para guar-
necer os pratinhos de sobremesa onde
se colocam os lavabos.

Não achas uma linda idea?

Sempre muito afectuosa a vossa

Abelha Mestre.



Os Ladrões e o Burro

Por HENRIQUE O'NEILL

HOVIA a bom chover...

Porém não

Chuva de água em ruim chão,
Que se fôsse ali perder:
Pois do mólho que vertia
Nem um pingo se perdia.
Choviam os pontapés,
Bofetadas de revés,

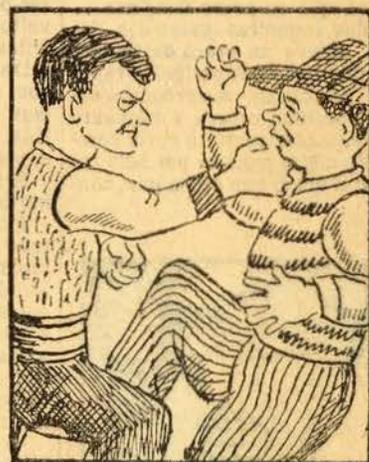


Os cachações de tremer,
E murro
De criar bicho,
Que, por motivo dum burro
Furtado, dois ratoneiros,
Cheios ambos de capricho,
Pelos ventas e cabeça,
E pelos quartos trazeiros
Davam mútuamente e à pressa.

Votara um que vendido
Fôsse o asno, e repartido
Logo entre êles o dinheiro.
Dissera o outro: — «E' p'rigoso
Irmos já vender o burro!»
— «E'!» — «Não é!» Começa o murro...
E, daí,
O tal chuveiro.

Entretanto, um curioso,
Que, passando por ali,
Tão entretidos os viu,
Montou no burro e... fugiu!

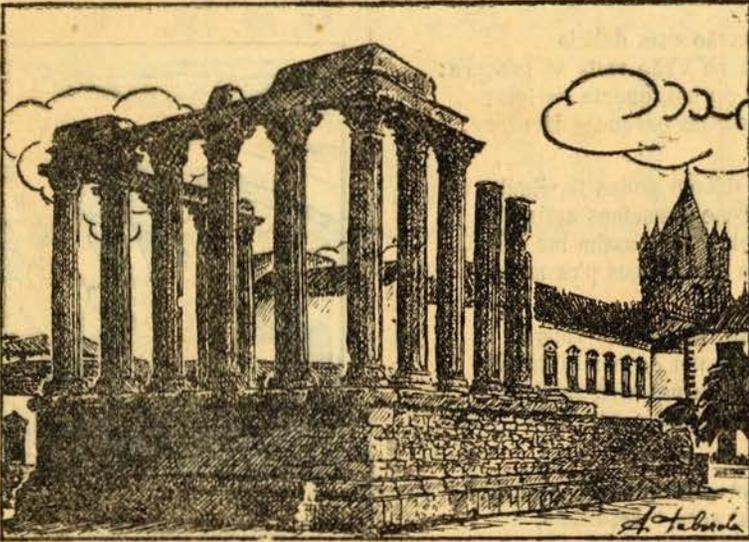
Depois de bem esmurrados,
Estafados,



E' que os ladrões perceberam
Quanto c'o a luta perderam.

O mesmo nos acontece
A nós, e vezes não poucas,
Quando o verdadeiro int'resse
Nos esquece.
Por causa de questões ôcas.

CONCURSO DOS PALÁCIOS
E
MONUMENTOS DE PORTUGAL



REFERÊNCIA AUXILIAR

No tempo em que Sertório, general romano, dominou na Península, dotou-a, êste, de magníficos monumentos de que restam, ainda, vestígios que asseguram a grandiosidade das construções da época. Entre êles, destacam-se as ruínas dum templo que, a par de outros monumentos de não somenos importância, adornam a actual capital do Alentejo, cidade onde Sertório residiu durante muito

tempo. Mereceu esta cidade o titulo de *Liberalitas Julia* e fizeram-na *município do direito latino*, concedendo aos seus habitantes os mesmos direitos dos cidadãos romanos.

É êste monumento o que a gravura nos apresenta, julgando-se ter sido fundado no ano 75 antes de Cristo.

Depois de ter escapado à devastação dos godos e ser transformado, pelos árabes, em mesquita, foi convertido,

no ano de 1166, em igreja cristã. Serviu de celeiro no século XVI e, depois, até fins do século XVIII, nele esteve estabelecido o matadouro.

AVISO
AOS CONCORRENTES

Respondendo às inúmeras cartas e bilhetes postais que temos recebido, mais uma vez vamos dizer quais as condições necessárias para os nossos pequeninos leitores se considerarem concorrentes e ficarem habilitados aos interessantes e belos prémios que distribuimos. Parece que os meninos teimaram em não ler o que a tal respeito escrevemos.

As figuras que iremos publicando, serão colleccionadas numa pequena caderneta e coladas, *uma em cada folha*, sendo obrigatório virem acompanhadas do nome do palácio ou monumento a que se refere e localidade onde esteja situado. Basta, contudo, na impossibilidade de acertar com a denominação de todos, indicar, pelo menos, a de 75 %.

As referências poderão acompanhar os desenhos, conforme o entenderem os concorrentes. Neste caso, deverão ser coladas na página oposta ao monumento a que dizem respeito.

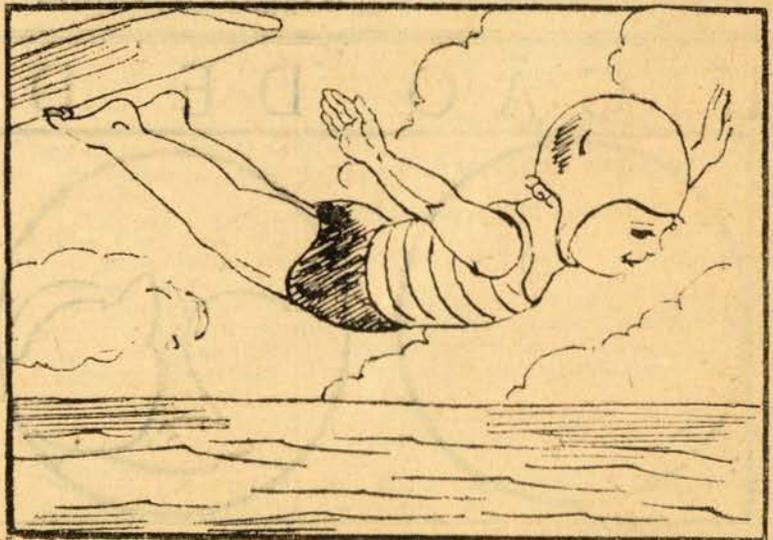
Como dissemos, quando da publicação das condições do concurso, já estão estabelecidos três primeiros prémios a sortear entre todos os concorrentes admitidos e outros tantos a atribuir às três cadernetas mais artisticas.

CHARADAS COMBINADAS

- + ra = rosto
- + ta = alvo
- + to = jôgo
- + ro = passeio
- + ro = pouco vulgar
- + ro = olfato de animal
- + no = peça musical
- + na = exclamação
- + co = pedaço
- + que = abano
- + co = vazio
- + la = fila
- + ro = detonação de arma
- + fa = frincha
- + ro = rugido
- + co = murro
- + la = goma
- + co = membro
- + la = intrugice
- + ta = rumo

Conceito: *Animais*

PARA OS MENINOS COLORIREM



LIÇÃO INFANTIL

Por LUIZ MANUEL RODRIGUES
MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO

— «Luis Fernando: queres vir
ver o Parque, só comigo?
Não digas nada a teus Pais
que eu aos meus também não digo.

Iremos ver os patinhos,
os cisnes a deslizar,
os peixes tão vermelhinhos,
passarinhos a voar. . .

No lago temos barquinhos
sempre prontos a vogar,
tão lindos... tão ligeirinhos,
que convidam a remar...»

(Enquanto no céu azul
brilhar o sol com fulgor,
Luis Fernando e Raúl,
abrigados do calor,



gozarão esta delícia
que no v'rao mais se procura:
ter do sol, quente carícia;
sentir do parque a frescura...)

— «Como podes tu, Raúl,
dar-me conselhos assim?
Amigos que assim me falam,
não são amigos p'ra mim.

E se o barco se virar?
ou se um de nós lá cair?!
Alguém nos virá salvar?!
Poder-nos-ão acudir?!

E mesmo que isso aconteça,
qual será o resultado,
ao irmos de fato rôto,
ou simplesmente encharcado,

dizer a nossos Paizinhos
que estão por nós em cuidados,
que fomos muito mauzinhos
e muito mal comportados?...

E supõe que é um estranho
(nem quero pensar em tal)
que lhes vai comunicar
que estamos num hospital?...

Pobres Paizinhos! E, então,
supõe que isto acontecia...
Que um de nós dentro do lago,
se afogava e que morria?!»



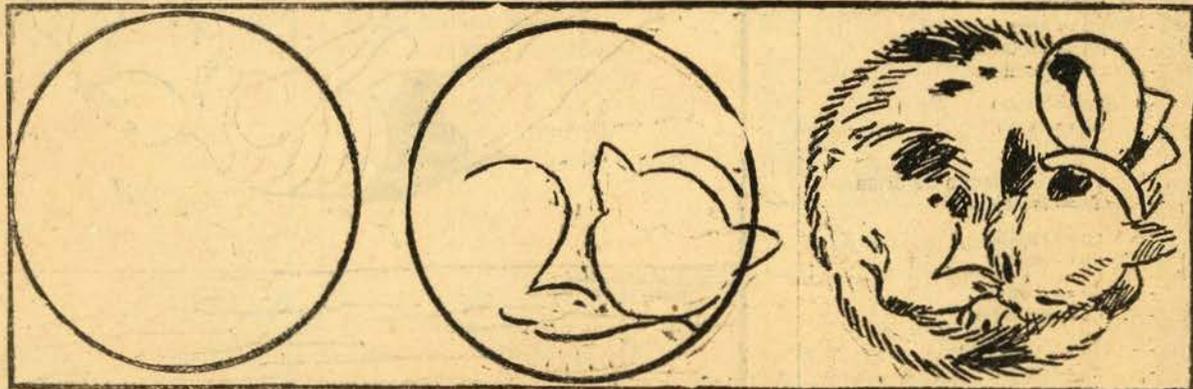
— «Não digas mais, meu amigo,
que sinto um nó na garganta,
ao pensar no meu Paizinho...
e em minha Mãe: uma santa.

Permite-me que te aperte
bem junto do coração,
por me teres dado tão linda
e proveitosa lição.

E podes, eu to garanto,
contar p'ra sempre comigo,
pois serei, de hoje em diante,
o teu mais leal amigo!»

F I M

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um gatinho a dormir